

Países ricos ajudarão Amazônia

PAULO SOTERO
Correspondente

HOUSTON — Os líderes dos países industrializados deverão aplaudir a nova atitude oficial que o Brasil assumiu sobre a proteção da Amazônia com o governo Collor e manifestar a disposição de apoiar ativamente os esforços de preservação da floresta. Lauren J. Brinkhorst, o holandês responsável pela política ambiental da Comunidade Econômica Européia (CEE), indicou ontem que o rascunho do comunicado final da reunião do grupo dos Sete (Estados Unidos, Inglaterra, França, Japão, Alemanha, Itália e Canadá), em Houston, registra a mudança da posição brasileira e procura dar um impulso à nova política oficial de preservação da Amazônia, endossando a declaração que a CEE fez a respeito no final do mês passado em Dublin. O comunicado será divulgado hoje.

A ênfase que o documento final dos líderes dos países industrializados deverão dar à proteção das florestas brasileiras resultará, porém, de um compromisso diplomático destinado em parte a camuflar o forte desacordo entre os Estados Unidos e a Europa sobre uma política global de controle das emissões dos gases que produzem o efeito estufa. O desentendimento aflorou com especial virulência por causa do papel de liderança que John Sununu, o chefe de gabinete do presidente George Bush, assumiu na articulação da oposição americana a qualquer negociação para fixar metas de redução das emissões de carbono dos EUA, que contribuem com 26% do efeito estufa.

A Europa, responsável por 13% das emissões globais, comprometeu-se a reduzi-las drasticamente e estabilizá-las até o final da década e quer que os EUA sigam seu exemplo. "A questão está sendo tratada com uma certa pressa. Parece haver uma propensão a lidar com o problema sem colocar todos os dados na mesa", afirmou Sununu, durante uma entrevista coletiva na segunda-feira. Ele assinou que medidas radicais para limitar as emissões propostas pela Europa poderiam ameaçar a manutenção do crescimento econômico nos EUA e nos países em desenvolvimento. "Nós acreditávamos que estávamos fazendo progresso, mas os encontros da noite de segunda-feira foram desencorajadores, por causa da ascensão de Sununu na delegação americana", afirmou um frustrado alto funcionário da CEE, notando que o diretor da agência de proteção ambiental americana, William Reilly, sequer foi incluído na comitiva que acompanhou Bush a Houston.

Diante do desacordo, os americanos passaram a defender a inclusão de linguagem vaga no comunicado e ofereceram, em troca, apoiar a proposta européia, apresentada pelo chanceler alemão, Helmut Kohl, de manifestar apoio à política de Collor para a preservação da Amazônia. A iniciativa alemã deriva da declaração que os líderes da CEE fizeram no final do mês passado em Dublin, aplaudindo "o compromisso do novo governo do Brasil para sustar a destruição (da Amazônia) e promover uma administração sustentável" da floresta.

O Brasil tem de 50% a 60%

das florestas tropicais. No passado, os brasileiros temeram uma abordagem neocolonialista em relação à Amazônia. Mas agora estamos escutando mais uns aos outros", afirmou Brinkhorst. "O presidente Collor e o secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, indicaram uma disposição nova. Por causa do impacto global da destruição da Amazônia, os países industrializados passaram a entender que os problemas do Brasil (para preservar a floresta) são também nossos problemas."

Segundo o alto funcionário da CEE, os elementos prioritários de um plano de ação devem incluir conversão de dívida por investimentos em preservação ambiental, o estabelecimento de códigos de conduta para indústrias importadoras de madeiras dos países industrializados e a liberação de recursos adicionais necessários para a preservação da floresta e sua exploração econômica de forma racional e sustentável.

Brinkhorst criticou indiretamente a tática americana de apoiar um plano de ação para a preservação da Amazônia como forma de evitar um compromisso de reduzir suas próprias emissões de carbono. "A destruição das florestas tropicais é responsável por cerca de 20% do efeito estufa e a queima de combustíveis fósseis por 80%. Mesmo que não houvesse efeito estufa, seria importante preservar a Amazônia, porque isso é importante para o Brasil em termos econômicos. Mas é óbvio que você não está sendo sério sobre a proteção do meio ambiente se tratar de 20% do problema e deixar de lado os outros 80%", afirmou.